

■ TRADUÇÃO TÉCNICA EM TIMOR-LESTE

HERMÍNIO DR

Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Resumo:

Discute-se a interação da língua portuguesa na fala de tétum em Timor-Leste. Analisa-se particularmente a tradução de uma para outra das duas línguas oficiais neste novo país, sobretudo no que diz respeito aos termos técnicos. Evidencia-se a fonética comum, mas com diferente ortografia.

Palavras-Chave:

Timor-Leste, línguas oficiais, fala, escrita, tradução.

Abstract:

This paper looks at the interaction between Portuguese and Tetum in Timor-Leste. Particular attention is paid to translation between these two official languages, especially as regards technical terms. The shared phonetics and differences between the spelling systems are also discussed.

Keywords:

Timor-Leste, official languages, speaking, writing, translation.

O uso da língua portuguesa em Timor-Leste, conjuntamente com o tétum de Díli, dito tétum-praça, exerce um efeito integrador dos novos termos da actual civilização tecnológica no formato primitivo da língua veicular local. É evidente que, no país em formação, as linguagens específicas das várias técnicas desempenham uma função muito importante na modernização do jovem país. Mas há muitos aspectos básicos

ainda por abordar. Que os mais incrédulos procuram adiar, talvez à espera de inconfessáveis concretizações.

Na verdade, ambas as estruturas linguísticas têm que se acomodar, a fim de conseguirem sobreviver aos contágios hegemónicos trazidos pelos ventos da região: o malaio-indonésio, carregado na invasão opressiva da vizinhança ambiciosa, que ocorreu ao longo de 24 anos (de 1974 a 1998); e o inglês, ameaçador com nova derrocada, por diferente invasão, potencialmente de origem australiana.

As energias em jogo naquele espaço estão a ser equilibradas pela língua portuguesa. Assim definiu a Assembleia Constituinte de Timor-Leste em 2002, e desta maneira age o primeiro Governo eleito, presidido por Mari Alkatiri: o tétum e o português constituem as duas línguas veiculares timorenses, uma para enraizar a tradição na identidade do povo e outra para implantar a modernidade terminológica nos usos e costumes do século XXI.

É deste modo que se assiste, hoje, à integração de uma língua complexa, caracterizada por uma estrutura flexível e portanto versátil, noutra língua simples, articulada rigidamente e, por conseguinte, primitiva. Pratica-se uma simbiose linguística que ultrapassa a aglutinação dos léxicos, pois tem de se chegar à conformação das duas diferentes estruturas morfológicas e semânticas. Não parece fácil. Mas a prática corrente, ao longo do tempo, sedimentará a poeira que paira no ar.

Menos complicada será a definição de regras fonéticas, já que os dois 'espíritos' vocálicos combinam bastante bem, consonantes que se mostram com os respectivos espíritos dos povos falantes. A experiência convivida, ao longo de vários séculos, efectuou a aproximação de maneira pacífica e fraterna. Agora, esta aproximação manifesta-se a mais ansiada.

O processo de simbiose das duas falas revela-se claramente na imprensa escrita, tanto nos jornais diários, como nos semanários publicados na capital. Aí se encontram traduções de uma língua para outra, contemplando as preferências deste ou daquele leitor. Tais leituras são também inestimáveis para os apetites vorazes dos que, como eu, anseiam por entender como se poderão conjugar as distintas perspectivas numa única fala, a que chamarei hipoteticamente de 'portétum'.

O que acontece é que os tradutores, nesse jornalismo bilingue, nem sempre primam pela adequação à gramática. Nem tampouco pela elegância do estilo. Há aqui muito estudo por incentivar ou bastante conhecimento a adquirir e prática a desenvolver. Um trabalho que durará, certamente, gerações. No entanto, trata-se de um evidente campo aberto aos linguistas e à tradução.

Para desfazer eventuais equívocos, repare-se que não referi directamente a linguística, nem a actividade profissional dos tradutores. Por um lado, devem ser os especialistas das línguas a ocupar-se da criteriosa fixação da harmonia da fala. E, por outro lado, é a tradução que se encontra à disposição de quem conhece os dois idiomas, apelando a tradutores profissionais, mas igualmente aos peritos de todas as actividades

especializadas, que, bom será, dominem ambas as línguas. Pelo menos na actual fase de ordenamento societal, conducente a uma organização mais estruturada.

A perspectiva de enriquecimento da estrutura do jovem país consiste em motivar todos os portugueses, naturalmente os que cooperem nessa construção civilizacional, a aprender as formas coloquiais reconhecidas pelo povo em geral. Até porque assim se estimulam as populações a assimilar a bela fala lusíada. O que não parece totalmente aceite.

Onde melhor se apreende a possibilidade de juntar as duas línguas numa formulação híbrida é na televisão. Assiste-se a transmissões de entrevistas com os responsáveis pela condução dos negócios do Estado, normalmente os ministros das diversas pastas governamentais e também deputados parlamentares. Então, ouve-se o tétum popular imbricado no português técnico, pois são os termos das línguas específicas, próprias das novas ciências e tecnologias, que faltam à tradição.

**no país em formação,
as linguagens específicas
das várias técnicas
desempenham uma função
muito importante na
modernização do jovem
país**

São exemplos disso algumas conversas transmitidas sobre as perspectivas da economia nacional ou as explicações regulamentares da justiça segundo o direito institucionalizado ou ainda as análises da educação projectada para o futuro próximo. Também testemunham os artigos que esses intervenientes remetem para os jornais. E merecem referência os letrados de avisos públicos (sobre ambiente e salubridade) ou os painéis exteriores nas paredes ao longo das ruas (para chamamento à participação democrática), em curtas frases com a tecnicidade emprestada pelos dizeres portugueses.

A *tradusaun* em tétum faz-se, logicamente, pela semelhança fonética. É claro, acontece para além das expressões nativas da raiz linguística. Como só esta base tradicional se distingue nitidamente em ambas as práticas correntes, a 'tradução' tétum-português, tal como a reconversão inversa, corresponde sobretudo a uma adaptação linguística pelas mesmas sonoridades.

Ora, é esta correspondência fácil que suscita algumas dificuldades. Na realidade, a formulação sintáctica numa língua influencia os arranjos sintácticos da outra. Evidencia-se uma tendência para escrever 'mal' nas traduções para português, por contaminação simpática da estrutura intrínseca ao tétum. A diferença na colocação dos qualificativos em relação aos substantivos e a inexistência do verbo **ser** ou ainda as distintas formas de aplicar iguais palavras ilustram as potenciais dificuldades.

A carência do moderno vocabulário técnico em tétum é suprida pela terminologia portuguesa, de acordo com a orientação política determinada. Isto implica que sejam os peritos profissionais quem melhor traduz e reconverte a escrita. Mas a analogia fonética facilita esse trabalho, abrindo a porta a qualquer falante para que possa traduzir. O mais importante consiste em sentir por dentro o espírito das línguas.

Deduz-se imediatamente que a principal tarefa dos linguistas dos dois países reside na construção imediata de regras simples e gerais de transcrição fonética do léxico. Nota-se uma prática diária que aponta no bom caminho: representação simbólica sem

ambiguidades, independentemente das origens gregas ou latinas e francesas ou anglo-saxónicas das palavras lusitanas. O som /s/ é sempre grafado com a letra *s*, quer em português se escreva *s* (sino = *sinu*) ou *c* (cidade = *sidade*) ou ainda *ç* (ameaçar = *ameasa*). Do mesmo modo, a consoante *k* prevalece sobre o som gutural *c* (catana = *katana*) ou *q* (quinta-feira = *loron-kinta*). Mais exemplos podem ser referidos, como o caso do *z* no lugar de /z/ em português (cinzento = *sinzentu*) e de *s* (mesa = *meza*).

Desta maneira, a tarefa de tradução ainda se espraia numa costa um tanto lábil. No dia em que as condições de escrita se encontrem normalizadas, pelo uso e seguindo acordos fixados, o trabalho de passar para a fala timorense aquilo que nós exprimimos, nos nossos modos de dizer, estará sujeito a menos enganos. Porém, não se justifica que a tradução inversa, grafada em português, apareça cheia de expressões mal construídas, como hoje acontece.

Tudo indica que se tem de promover rapidamente o conhecimento generalizado da língua de Camões. O instituto com o seu nome já lá se encontra em actividade. Mas com que dinâmica? Certamente a possível. Mas será suficiente? De facto, sem uma decisão política interventiva, liberta de aparentes reservas, tudo permanecerá a rolar em movimento uniforme, cuja aceleração (pelas leis da física clássica) é nula. E haverá bastante tempo de espera?

As universidades timorenses, actualmente em número de vinte, servem-se da língua indonésia para cultivar os seus futuros profissionais a nível superior, salvo honrosas excepções (talvez para afeiçoar as elites do futuro), pois os jovens que as frequentam só conhecem essa *bahasa indonesia* (como se diz 'língua indonésia' em malaio). Estes estudantes não entendem sequer o tétum nacional, quanto mais o português emprestado. Que esperança resta para as traduções entre as duas línguas?

Parece que se tem mesmo de aguardar a chegada dos actuais alunos das escolas primárias e secundárias ao exercício activo das profissões, jovens que regurgitam risonhos e com uma surpreendente pronúncia portuguesa. Somente então se evidenciará a possibilidade de bem traduzir em Timor-Leste. Entretanto, permanece-se em tempo de mudança. Já que a evolução tudo justifica, até a aceitação profissional do amadorismo. Todavia, a instabilidade dos ventos pode crescer e tornar a história num ciclone ou até num furacão. ■